



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Proletras-UPE-Garanhuns -
aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO LD

Maria Rosane Alves da Costa (UPE)

O contexto educacional brasileiro, nos últimos anos, vem aprendendo a lidar com um grande desafio: a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como componentes obrigatórios no currículo da educação básica. Esta é uma questão bastante discutida na atualidade, visto que a promulgação da lei 10.639/03 exige um novo olhar para o ensino desses componentes. Tendo como pressuposto que o livro didático é um dos principais instrumentos utilizados pelos educadores da educação básica, este trabalho visa analisar como o LD vem apresentando as literaturas africanas de língua portuguesa, verificando de que modo se dá a abordagem dessas literaturas em uma coleção de livros didáticos voltada para o ensino médio, a coleção *Português: contexto, interlocução e sentido* (2010). Para esta análise, levamos em conta aspectos como o número de páginas destinado às literaturas africanas, as seções de estudo presentes no capítulo, os autores abordados, a maneira como as obras são apresentadas e as atividades propostas, bem como a relevância e coerência dos pontos abordados. Para fundamentação teórica adotaremos, principalmente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana (2005), a lei 10.639/03, Silva (2005) e Chaves (1999).

Palavras-chaves: Lei 10.639/03, literaturas africanas de língua portuguesa, livro didático.

INTRODUÇÃO

O contexto educacional brasileiro, nos últimos anos, vem aprendendo a lidar com um grande desafio: a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como componentes obrigatórios no currículo da Educação Básica. Esta é uma questão bastante discutida na atualidade, visto que a promulgação da lei 10.639/03 exige um novo olhar para o ensino desses componentes, principalmente no âmbito das disciplinas de História, Arte e Literatura, como está previsto na lei já mencionada:

Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005) explanam detalhadamente o que deve mudar no ensino, qual passa a ser o papel dos educadores e do governo no que diz respeito à “adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (BRASIL, 2005, p.12). Estas diretrizes preveem a

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, (...) em cumprimento adisposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares. (BRASIL, 2005, p.25)

Desta forma, torna-se importantíssimo o material produzido para este fim, inclusive o livro didático, que é um dos principais instrumentos utilizados pelos educadores, conforme afirma Silva (2005)

O livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares (SILVA, 2005, p. 22).

É levando em conta a importância do livro didático na prática do professor, que este trabalho visa analisar como o LD vem apresentando as temáticas voltadas à cultura africana, e mais especificamente às literaturas africanas de língua portuguesa. Nosso intuito é verificar de que modo se dá a abordagem dessas literaturas em uma coleção de livros didáticos voltada para o ensino médio, a coleção *Português: contexto, interlocução e sentido*, constituída de três volumes, um para cada série do ciclo.

Essa coleção foi editada pela Editora Moderna e tem autoria das professoras Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara; ela é do ano 2010, ou seja, sete anos após a promulgação da lei 10.639/03. Assim sendo, é de se esperar que já esteja adaptada a esta demanda, tendo contemplado em sua elaboração as exigências previstas nas DCN. Este trabalho fundamenta-se também no que afirma Cardoso (2005) em relação aos livros didáticos,

É indispensável que reflitam (...) as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileiras. Ignorar essas contribuições – ou não lhes dar o devido reconhecimento – é também uma forma de discriminação racial (CARDOSO, 2005, p.10)

Após um primeiro olhar, constatamos que a abordagem das literaturas africanas de língua portuguesa só ocorre no volume 3 da coleção em questão, por este motivo nos deteremos mais a ele que aos volumes 1 e 2. Para esta análise, levamos em conta aspectos como o número de páginas destinado às literaturas africanas, as seções de estudo presentes no capítulo, os autores abordados, a maneira como as obras são apresentadas e as atividades propostas, bem como a relevância e coerência dos pontos abordados.

AFINAL, QUAL É O ESPAÇO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO?

Dos três volumes que compõem a coleção *Português: contexto, interlocução e sentido*, apenas o volume 3, destinado a alunos do 3º ano, traz um abordagem das literaturas africanas de língua portuguesa, ao passo que todos os volumes dedicam um grande espaço às literaturas brasileira e portuguesa. É notável a dicotomia entre essas abordagens, pois às literaturas portuguesa e brasileira é destinado um espaço bastante notável (06 capítulos no volume 1; 11 capítulos no volume 2 e 8 capítulos no volume 3), ao passo que as africanas são apresentadas em uma seção especial, num espaço de 19 páginas e como último conteúdo de literatura abordado no livro. Isso deixa clara a forte resistência às produções literárias africanas e sua disseminação, pois mesmo diante de uma lei que assegura sua presença no currículo de todas as instituições brasileiras de educação básica, o espaço destinado a elas ainda é mínimo.

Ao mesmo tempo, esta coleção apresenta um lado positivo, visto que trata do assunto, o traz à tona e dá-lhe visibilidade, se afirmando como material didático a ser utilizado nesta área, na qual eles ainda são tão escassos. Este é um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais que abraçam esta causa, pois falta material que trate dessas questões, já que, segundo Rolon (2011) “o mercado editorial brasileiro (...) possui um número muito restrito de publicações voltadas à obra ficcional de autores africanos de língua portuguesa” e “as grandes redes de livrarias dispõem de poucos títulos” (2011, p. 132).

No LD, de um modo geral, os mesmos aspectos explorados nas literaturas brasileira e portuguesa, também o são quando se trata das africanas. Todos os capítulos destinados ao estudo de literatura organizam-se predominantemente da seguinte maneira: são apresentados alguns trechos de romances, contos ou poesias para análise, explorando o contexto histórico, com informações para a compreensão mínima da obra; são exploradas as biografias de cada autor e as características de suas obras, as quais são descritas com certa superficialidade, e temos também, além de um vocabulário que auxilia na compreensão dos textos, uma seção de conexões que relaciona a literatura vista em cada capítulo com livros, filmes, sites e músicas.

No entanto, quando se trata das literaturas brasileira e portuguesa, embora de modo superficial, esse estudo se amplia em vários aspectos, como por exemplo, na disponibilização de uma linha do tempo histórica sobre fatos ocorridos no Brasil e na Europa, para ajudar os alunos a contextualizarem a obra. Também são notáveis as seções *Uma viagem no tempo: primeiras leituras*, *O que você deve saber ao final desse estudo* e *A tradição*, as quais sistematizam detalhadamente as temáticas que serão estudadas em cada capítulo e apresentam textos da obra dos autores mais conhecidos; essas seções são inexistentes na parte destinada à literatura africana.

Outro elemento que não se faz presente no capítulo sobre africanas é o *Banco de questões do Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares*, que traz um banco de questões da área de literatura apresentadas em exames oficiais realizados no país, as quais nunca são voltadas para as literaturas africanas. Este último aspecto demonstra que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ainda não são cobradas nos exames oficiais propostos pelo Ministério da Educação, bem como pelas avaliações que dão acesso às instituições de nível superior. Essa observação não sugere que a cultura e história africana devem ocupar o centro das atividades educacionais, mas que merecem

lugar de igualdade, ficando lado a lado com as outras bases culturais que contribuíram para a formação da cultura brasileira. Assim sendo, cabe salientar que não se trata de “mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2005, p. 17).

No volume 3 da coleção tomada como objeto, a seção que dá início ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa intitula-se *A narrativa africana de língua portuguesa*, através da qual podemos presumir que em momento algum teremos contato com a poesia desses países, detendo-nos apenas à prosa.

Ao longo dessa “seção especial” sobre literaturas africanas de língua portuguesa nos são apresentados ao todo cinco escritores, cujas obras são apresentadas por meio da análise de pequenos trechos ou até mesmo de um único parágrafo. Isso é observável no trecho seguinte, que comenta a obra de Mia Couto a partir de um trecho do romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*: “Nos textos de Mia Couto, o colonizador português renasce africano ou descobre-se isolado em meio a uma cultura que lhe é completamente estranha, como Sidónio Rosa, personagem do romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*” (ABAURRE, 2010, p. 258).

A seguir, são elencados os nomes dos autores apresentados, das obras citadas e analisadas (ou simplesmente comentadas) no LD e do país em que ela foi produzida.

Nome da obra	Nome do autor	País
<i>Águas do meu princípio</i>	Mia Couto	Moçambique
<i>O cão e os caluandas</i>	Pepetela	Angola
<i>A cidade e a infância</i>	Luandino Vieira	Angola
<i>Parábola do cágado velho</i>	Pepetela	Angola
<i>Nação crioula</i>	José Eduardo Agualusa	Angola
<i>Bom dia camaradas</i>	Ondjaki	Angola
<i>Terra sonâmbula</i>	Mia Couto	Moçambique
<i>Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra</i>	Mia Couto	Moçambique
<i>A varanda do frangipani</i>	Mia Couto	Moçambique
<i>Venenos de Deus, remédios do Diabo</i>	Mia Couto	Moçambique

A essas informações somam-se os dados biográficos dos autores e o nome de outros livros do mesmo autor, aspectos também presentes quando abordadas as literaturas brasileira e portuguesa.

Podemos notar, através da tabela, que os escritores mencionados no LD são Agualusa, Pepetela, Luandino Vieira e Ondjaki, todos angolanos, e Mia Couto, moçambicano. Segundo o LD, essa abordagem predominantemente angolana em detrimento da voltada a Moçambique se deve ao fato de que “ao contrário do que acontece em Angola, em que são vários os ficcionistas de destaque, Moçambique é um país em que a produção literária, no que diz respeito à prosa ficcional, ainda se encontra em uma fase bastante inicial” (ABAURRE, 2010, p. 255).

No entanto, isso é um grande equívoco, visto que em Moçambique há grandes nomes da ficção africana em língua portuguesa além de Mia Couto, como cita Nazareth Fonseca (2012), n' *O panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*: Luís Bernardo Honwana (autor do célebre *Nós matamos o cão tinhoso*), João Dias, autor da coletânea de contos intitulada *Godido e outros contos* (1952), Orlando Mendes, que escreveu *Portagem* (1965), considerado o primeiro romance moçambicano, e Suleiman Cassamo, autor d' *O regresso do morto* (1989). Além desses nomes, Moçambique ainda conta com a produção de Paulina Chiziane (*O sétimo juramento*, 2000) e Lília Momplé, autora de *Ninguém matou Suhura*, publicado em 1988.

O LD enfatiza os escritores angolanos, entretanto, nem sequer alude a nomes como Castro Soromenho (*Terra morta*, 1949), Oscar Ribas (*Uanga*, 1950 ou 1951), Antônio de Assis Júnior (*O segredo da morta*, 1935), Manuel Rui (*Quem medera ser onda*, 1991) e Boaventura Cardoso (*Maio, mês de Maria*, 1997), figuras de grande peso no panorama da literatura de Angola.

Além disso, os países africanos de língua portuguesa são cinco, não apenas Angola e Moçambique; o LD da coleção *Português: contexto, interlocução e sentido* não menciona Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Em Cabo Verde temos como destaque os ficcionistas Baltasar Lopes (*Chiquinho*, 1947), Manuel Lopes (*Os flagelados do vento leste*, 1960), Orlanda Amarilis (*Ilhéu dos pássaros*, 1983), Germando Almeida (*O testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, 1989) e Dina Salústio, (*A louca do Serrano*, 1998), responsável pelo primeiro romance de autoria feminina publicado em Cabo Verde. Já Guiné-Bissau, por sua vez, possui os escritores Filinto de Barros (*Kikiamatcho*, 1997) e Abdulai Sila (*Mistida*, 1997), considerado o fundador da ficção guineense. Apenas São Tomé e Príncipe ainda não tem grandes nomes no cenário da ficção, se destacando na poesia.

Sabendo que em África, as narrativas orais “cumpriam o papel de transmitir a sabedoria e humanizar o reino das relações que os outros elementos completavam” (CHAVES, 1999, p. 20), é de se esperar que o LD aborde essa questão, visto que ela representa toda a essência da ficção africana. E é exatamente isso que percebemos no LD analisado, pois ele fala da importância da tradição oral para a construção da literatura pós-colonial.

A oratura é a literatura oral, constituída pelas lendas, pelos romances, pelos contos, pelos provérbios, pelas quadras, pelas parlendas, pelas rezas e orações. Um imenso repertório que se renova à medida que passa de uma geração a outra, alimentando o imaginário popular. (ABAURRE, 2010, p. 246)

Este livro trata também do papel da estória na construção da história dos países colonizados, algo bastante discutido por Rita Chaves, a qual afirma que a literatura passa a ser um “espaço de reinterpretação da terra, onde se entrecruzam passado e presente, a narrativa se abre para abordar a totalidade da vida reclamada pelo homem em sua historicidade” (CHAVES, 1999, p.22). Logo, é muito positivo tratar deste aspecto, a fim de promover uma conscientização dos estudantes no que diz respeito ao contexto em que foi produzida esta literatura. Ao longo do capítulo sobre literaturas africanas de língua portuguesa isso se dá através da apresentação de algumas notas sobre fatos históricos como o movimento *Vamos descobrir Angola*, a CEI (Casa dos Estudantes do Império) e sua importância para a independência e disseminação da literatura dos países africanos, bem como menciona o *Campo de chão bom*, campo de concentração em Cabo verde.

O livro didático apresenta uma espécie de glossário com as significações de termos africanos que os alunos possivelmente não conhecem e são empregados nos textos, como *sipaio*, *cafrealizar*, *frangipani*, *embondeiro*, *nganga*, dentre outros de grande relevância para o entendimento dessas literaturas. No LD isto aparece da seguinte maneira: “Se cafrealizam: viram cafres, ou seja, adquirem as características dos negros que viviam no sudeste da África. (Abaurre, 2010, p. 253)

O próprio LD elucida que seu objetivo é apenas divulgar a história da luta pela construção identitária, não estudar minuciosamente os autores da literatura africana, deixando implícito que o estudo proposto será resumido ou superficial, não tendo o propósito de que o estudante consiga construir uma visão panorâmica sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Vejamos:

Nossa intenção, ao apresentar alguns dos principais nomes da ficção africana de língua portuguesa, não é compor uma história da literatura escrita nesses países. Também não pretendemos realizar um estudo minucioso dos autores escolhidos. Queremos somente revelar parte dessa produção literária, ainda bastante desconhecida por nós brasileiros, e, com isso, ajudar a divulgar um pouco da história de luta pela constituição de uma identidade autônoma que se faz presente nos contos e romances dos autores africanos. (ABAURRE, 2010, p. 247)

Na seção *Texto para análise* é apresentado um trecho de *O planalto e a estepe*, de Pepetela, seguido de seis questões interpretativas, as quais abordam ou lançam reflexões sobre aspectos mais específicos sobre a literatura africana, tais como racismo e a história dos países onde aquela literatura é produzida. Um exemplo disso é a questão de número quatro, que diz o seguinte:

Releia: “Tinha outros amigos, alguns companheiros de escola. Brancos, quase todos. Um ou outro mestiço. Não me lembro de nenhum negro na escola”. Neste trecho, constata-se, por meio da rememoração de Julio, a ausência de diversidade racial no colégio em que ele estudava. De que maneira esse trecho retrata a herança da colonização portuguesa em países africanos, como Angola? (ABAURRE, 2010, p. 260).

Podemos perceber que o trecho da obra colocado no enunciado da questão já aponta para a segregação racial presente em África durante o período colonial, como também a própria pergunta exige uma reflexão sobre a situação histórica daquele país (Angola). As outras questões propostas neste LD são semelhantes a esta.

Ao final do capítulo, temos a seção *Conexões*, a qual disponibiliza para o estudante uma espécie de lista de materiais para pesquisa, para complementar o conteúdo trabalhado no capítulo. Essa seção é dividida em quatro partes, indicando materiais *Para assistir*, *Para navegar*, *Para ler e pesquisar* e *Para ouvir*. Para assistir é indicado o filme *Invictus*, que possibilita uma reflexão sobre o *apartheid*, bem como entrevistas com Mia Couto, Ondjaki e Agualusa. Para navegar são sugeridos cinco sites voltados para África e alguns escritores africanos (Ondjaki e Mia Couto). Para ler e pesquisar, o LD indica *O fio das missangas*, de Mia Couto, *Os cus de judas*, de Lobo Antunes e dois textos teóricos de Tania Macedo e Rita Chaves, *Literatura africanas de língua portuguesa: marcos e marcas*, os volumes de Angola e Moçambique. Para ouvir é indicada a banda *Ladysmith Black Mambazo*, simplesmente porque ela interpreta o hino da África do Sul, algo bastante incoerente, visto que esse é um país africano que nem fala a língua portuguesa, foco no capítulo em questão. De resto, todas as outras indicações são bastante positivas, pois sugerem a ampliação dos conhecimentos explorados ao longo do capítulo do LD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, o que podemos constatar é que a coleção deixa a desejar, pois só trata das literaturas africanas no último volume, nem sequer mencionando a existência dessas literaturas nos volumes 1 e 2. A abordagem destinada às literaturas africanas é feita de modo bastante resumido e pouco privilegiado quando comparada às abordagens feitas da literatura brasileira e da portuguesa. Em relação ao conteúdo explorado, a visão que se constrói é a de uma literatura restrita, com poucos nomes, seleção de cinco autores apenas.

Além disso, o LD limita-se às produções de Angola e Moçambique, não contemplando as literaturas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, bem como não aludindo a grandes nomes do cenário literário africano da atualidade, como, por exemplo, Paulina Chiziane, escritora que está ao lado de Mia Couto no que diz respeito à literatura moçambicana.

Por outro lado, temos pontos positivos na abordagem das literaturas africanas de língua portuguesa, ao começar pela preocupação em trabalhar a questão histórica, essencial para o entendimento dessas literaturas, e por mencionar a tradição oral, enfatizando sua extrema importância nesse contexto. Outro ponto positivo são as atividades propostas no final do capítulo, as quais exigem reflexão por parte do aluno, conduzindo-o a uma percepção mais apurada das questões que estão por trás da obra em estudo. As sugestões feitas no fim do capítulo também são positivas, de um modo geral, visto que contribuem para a ampliação do conhecimento, simbolizando caminhos que podem vir a ser explorados pelos estudantes.

O que se pode concluir a partir deste breve estudo é que a lei 10.639/03 vem sendo aplicada a passos lentos. Não podemos afirmar que nada tem sido feito, no entanto, o modo como essas ações de inserção da história e cultura afro-brasileira tem sido realizadas ainda não é o suficiente, visto que trazem uma visão muito restrita da questão, o que é perceptível a partir das considerações feitas nesse trabalho. O Brasil, infelizmente, ainda não conseguiu resgatar “a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 2005, p. 08), deixando clara a dificuldade em “combater o racismo e promover a igualdade de oportunidades entre os diferentes grupos étnicos que compõem a rica nação brasileira” (BRASIL, 200, p. 08).

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; Abaurre, Maria Bernadete M.; Pontara, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** Vol.1. São Paulo: moderna, 2010.

ABAURRE, Maria Luiza M.; Abaurre, Maria Bernadete M.; Pontara, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** Vol. 2. São Paulo: moderna, 2010.

ABAURRE, Maria Luiza M.; Abaurre, Maria Bernadete M.; Pontara, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** Vol.3. São Paulo: moderna, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: DF: SECAD /MEC, 2005. In: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 26 de Junho de 2015.

CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio à 2ª impressão (2000). In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretariade Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos.** São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999.

FONSECA, Nazareth; et all. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa.** 2012. In: www.pucminas.br/imagadb/mestrado_doutorado/publicacoes/pua_arq_arqi20121019162329. Acesso em 01 de Julho de 2015.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADE, Tatiane de. O uso da lei 10.639/03 em sala de aula. **Revista Latino-Americana de História.** Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013. In: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/205/159>. Acesso em: 16 de Junho de 2015.

BRASIL. **Lei 10.639/03.** In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 16 de Junho de 2015.

SILVA, Ana Celia da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROLON, Renata Beatriz Brandespin. O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro. **Revista Ecos,** Ed. 011 – Dezembro de 2011. In: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/131_Pag_Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf . Acesso em: 07 de Julho de 2015.